



artur lescher

afluentes

galeria

nara roesler



vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler, 2015

artur lescher

entre cascatas, montanhas e rios, eis que surge o errante

felipe scovino

Em conversa com o artista, tomou corpo a imagem da paisagem idílica e delirante de Giorgio de Chirico construída por praças desabitadas, permeadas por um silêncio perturbador, um súbito mistério e em alguns casos ocupadas por instrumentos de precisão e medição destituídos de suas funções. Se o artista italiano construiu um palco ou espaço cênico para que estes instrumentos fossem exibidos, qualificados, e ganhassem corpo e vida como um indivíduo que habita um espaço desconfortavelmente real, Lescher transfere os instrumentos para o espaço real, isto é, adiciona ficção e imprecisão ao cotidiano ou, mais precisamente, ao espaço topológico onde se constitui o sujeito.

Melanconia della Partenza (1916), pintado por Giorgio de Chirico depois de seu retorno à Itália após ter servido

em Paris na Primeira Guerra Mundial, é um bom exemplo para percebermos essa circunstância e ao mesmo tempo apontar uma outra qualidade para a obra de Lescher: a noção de paisagem e continuidade. Nessa pintura, a janela e o mapa com a rota traçada evoca ideias de viagens, sugerindo a fuga de um ateliê claustrofóbico e desordenado por molduras partidas que fazem alusão a esquadros e por conseguinte medidas imperfeitas, tortas, "quebradas". Quando criança na Grécia, Giorgio de Chirico, sentia-se longe e disperso do que o cercava e identificava-se com os viajantes Argonautas. Ele imaginou sua jornada 'de autoconhecimento e solidão' através de oceanos imensuráveis metaforizados na parte inferior da pintura. Posto isso, percebam que as obras expostas nessa mostra singularmente abordam



vista da exposição/exhibition view -- **galeria**
nara roesler, 2015



detalhe/detail -- **ascensor # 04** , 2014 -- latão, cobre e cabo de aço/brass, copper and
steel cable -- edição de 1/5/edition of 1/5 -- 180 cm cada/each

tanto uma topografia da cidade, e é muito especial que todas as metáforas ou imagens impostas por essas obras evocam fenômenos naturais contidos no Rio de Janeiro (rio, montanha, cascata), quanto uma situação de medição, construção de lugares e orientação. Esta última imagem fica clara com os Pêndulos (2013) e Pivô (2015), ambos remetendo à imagem de uma bússola. Oscilando em torno de um ponto fixo, essas obras nos ajudam a perceber que um personagem sobrevoa esse território imperfeito ao mesmo tempo em que inferem um corte no espaço real: é o errante, aquele que anda sem destino certo, que não se fixa em um local e sua sina é incessantemente ter a busca como ideal. Caminha lentamente, sem destino fixo, atento ao entorno e aos encontros. Os errantes acabaram se tornando “seres marginais, resistentes nostálgicos e ao mesmo tempo propositores de outras formas de vida e de relação com o espaço, o tempo e os corpos.”¹

São pelos oceanos imensuráveis de Giorgio de Chirico que esse errante perpassa assim como pelos rios, fazendo uma alusão direta com a série Afluentes (2015) de Lescher. Para Lescher o rio refere-se a uma estrutura infinita, a um eterno retorno de fluidos e correntes que constantemente e de forma ininterrupta atravessam o globo. É a imagem ou território ideal para o errante que por entre Rio (máquina de parede) e Cascatas desbrava uma outra possibilidade de leitura do real. Percebam que esse errante não se orienta mais pelos astros ou pelo pólo magnético mas por um senso ficcional, infundado, que nem ele nem nós sabemos mais qual é. Por outro lado, é perspicaz tomar conhecimento de que o desejo maquínico que reside na obra de Lescher logo se transforma em natureza e no instante próximo na morada exemplar desse personagem. A máquina se transforma em topografia e ganha um sentido orgânico. Não se trata mais de engrenagens ou roldanas, pensando especialmente em Rio máquina de parede (2015), mas em espaço

natural que pode variar desde a imagem de um vale ao Pão de Açúcar. É nesse sentido largo, amplo de possibilidades imagéticas que a natureza desmedida e maquínica de Lescher se encontra com o errante sendo deslocado por bússolas e pêndulos que tiveram suas funções desajustadas e tornaram-se imperfeitos, e que portanto não cessam de girar e apontar um norte que constantemente se refaz. Tanto Cascata (2015) quanto Rio máquina de parede têm seus volumes vazados e são portanto atravessados pelo olhar. Assemelham-se a totens, sólidos que articulam uma sensação de movimento e continuidade no espaço como se suas trajetórias estivessem para além de suas estruturas físicas, inventam um espaço e tempo próprios. Além disso, singularmente, Rio máquina parece se desmanchar no ar, como se a topografia, ou a sua estrutura em latão e cabos de aço, estivesse constantemente agindo e se moldando. É curioso, nesse sentido, perceber essas duas obras como miragens também. Através desse efeito ilusório, pois são vistos e interpretados de uma forma que não reproduz a verdadeira realidade, ambas conduzem o nosso personagem por essa imagem do deserto, outro local propício, assim como os oceanos imensuráveis e os rios e seus afluentes, para o seu deslocamento ad eternum.

Nosso errante, portanto, flutua, caminha, nada, sobrevoa paisagens que constantemente estão sendo construídas em um espaço-tempo que não permite certezas pois os instrumentos de precisão, medição e orientação estão em suspenso. Ele vive de elocubrações. A ausência de itinerário definido por um personagem que se desloca por um terreno de ficções nos confronta, enquanto espectadores dessa mais recente exposição de Artur Lescher, com o que poderíamos definir de forma rudimentar como a natureza primária da obra arte: o seu estado de impermanência ou constituição de um enigma. Afirmo este pensamento pois suas obras desarticulam as certezas sobre o visível e inventam jogos de percepção



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015

que apontam para um entrelaçamento entre corpo, paisagem e visibilidade sobre o mundo, ao ponto de um personagem ser criado por terceiros e se (des)orientar por suas cascatas, montanhas e rios.

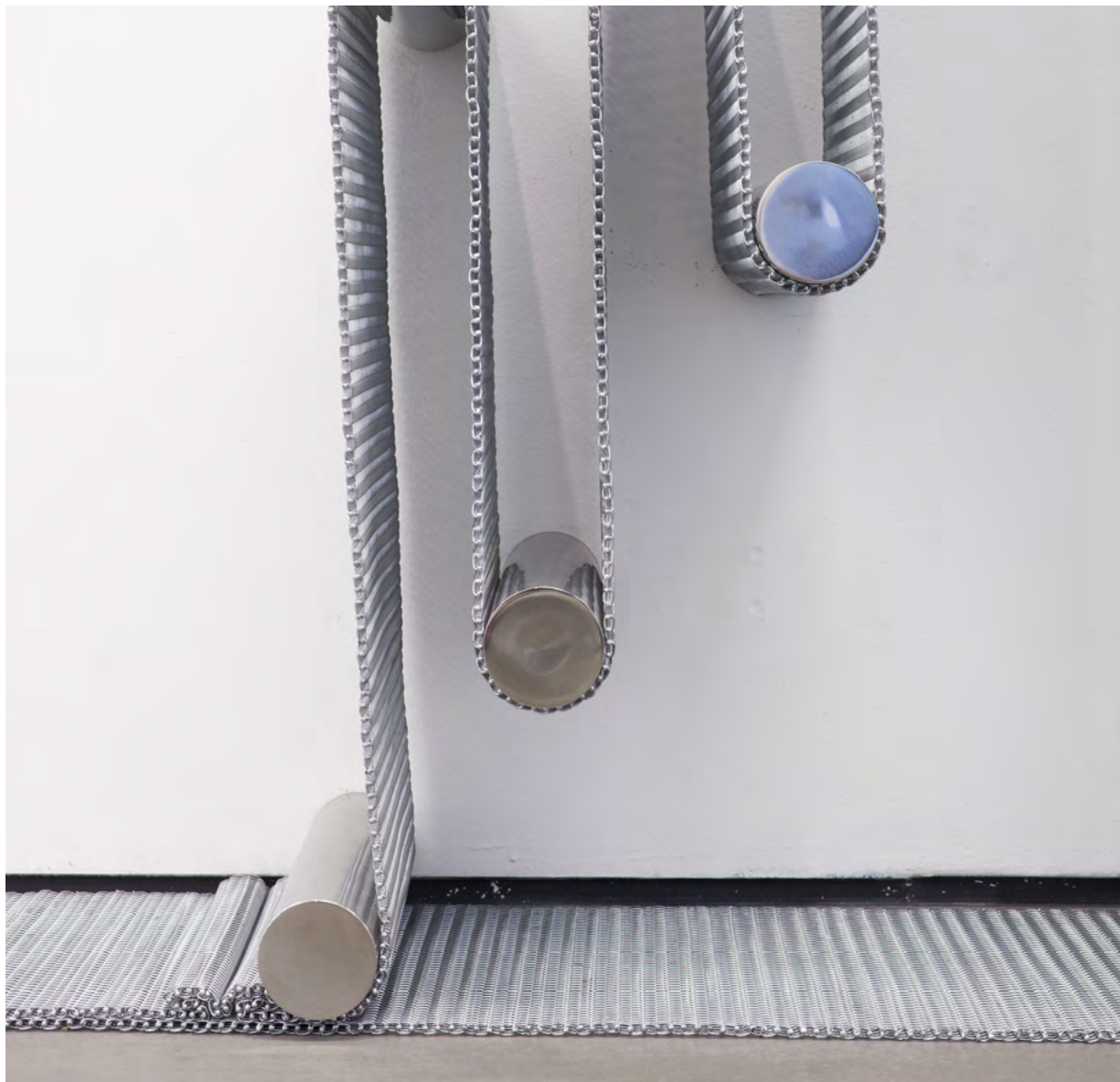
¹ ANDRÉS, Roberto. O cortejo errante. In: REGALDO, Fernanda; MARQUEZ, Renata, et. al. Piseagrama. n. 7. Belo Horizonte, jan. 2015, p. 79



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015



detalhe/detail -- rio máquina, 2015 -- aço inox/stainless steel -- dimensões variáveis/variable dimensions

amid waterfalls, mountains and rivers, there appears the wanderer

felipe scovino

In a conversation with the artist, the image of Giorgio de Chirico's idyllic, delirious landscape took shape, of deserted squares permeated by a disturbing silence, a sudden mystery, in some cases populated by precision and measurement tools stripped off their function. Whereas the Italian artist built a stage or setting for these tools to be exhibited and qualified, and for them to gain body and life like an individual inhabiting an uncomfortably real space, Lescher transports the tools to real space, i.e. he adds fiction and imprecision to daily life, or more precisely to the topological space where the subject is constituted.

Melanconia della Partenza (1916), painted by Giorgio de Chirico when he returned to Italy after serving in Paris during World War I, is a good example in which for us to realize this circumstance, and at the same time point out another quality in Lescher's work: the notion of landscape and continuity. In this painting, the window and the map with the route drawn on it evoke ideas of travel, suggesting flight from a claustrophobic studio in a mess of broken frames that allude to set squares and therefore to imperfect, crooked, "broken" measurements. As a child in Greece, de Chirico felt distant and dispersed from his surroundings, and identified himself with the Argonaut travellers. He imagined his journey of 'self-knowledge and

solitude' through immeasurable oceans metaphorically represented in the bottom portion of the painting. Having said that, notice that the works on display in this exhibit uniquely approach both a topography of the city, and it is a very special fact that all of the metaphors or images put forth by these works evoke natural phenomena from Rio de Janeiro (river, mountain, waterfall), and a situation of measurement, construction of places and orientation. This latter image is clear in *Pêndulos* (2013) and *Pivô* (2015), both of which are reminiscent of the image of a compass. Oscillating around a fixed point, these works help us realize that a character is flying over this imperfect territory, and infer a cross-section into real space: he is the wanderer, he who walks with no particular destination, who doesn't settle in one place, and whose fate and ideal is the ceaseless quest. He walks slowly, with no fixed destination, attentive to his surroundings and encounters. The wanderers ultimately become "marginal beings, nostalgic members of resistance and at once proponents of other forms of life and relationship with space, time and bodies."¹

¹ANDRÉS, Roberto. O cortejo errante. In: REGALDO, Fernanda; MARQUEZ, Renata, et. al. *Piseagrama*. n. 7. Belo Horizonte, Jan. 2015, p. 79.



pivô, 2014 -- bronze/brass -- 600 cm



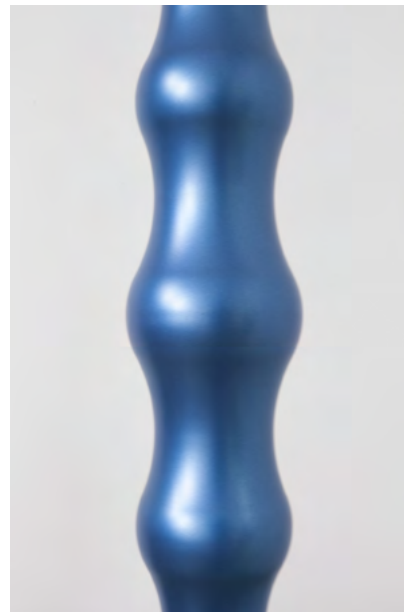
tessera # 06 (diptico), 2014 -- latão/brass -- 16 x 0 12 cm / 16 x 0 5 cm



cachoeira de cobre , 2013 --
cobre/copper -- 230 x 9 x 9 cm

It is through Giorgio de Chirico's immeasurable oceans that this wanderer travels, as well as through rivers, in a direct reference to Lescher's Afluentes (2015) series. For Lescher, the river refers to an infinite structure, an eternal comeback of fluids and currents that constantly and continuously go around the globe. It is the ideal image or territory for the wanderer, who treads through River (wall machine) and Waterfalls as he blazes the trail to a new possibility of reading reality. Note that this wanderer no longer orients himself by celestial bodies or the magnetic pole, but rather by a fictional, unsubstantiated sense that neither he nor we know what is anymore. On the other hand, it would be clever to note that the machine-like desire that resides in Lescher's work soon transforms into nature, and then into the exemplary dwelling of this character. The machine becomes topography and takes on an organic meaning. It is no longer about gears or pulleys, specifically considering Rio máquina de parede (2015), but rather

about a natural space that can vary from the image of a valley to the Sugarloaf Mountain. It is in this wide, broad sense of imagetic possibilities that Lescher's unbridled, machine-like nature meets the wanderer being displaced by compasses and pendulums that were tampered with and became imperfect, never ceasing to spin around and point to a constantly changing north. Both Cascata (2015) and Rio máquina de parede have their volumes cut out, and therefore the gaze goes through them. They resemble totem poles, solids that articulate a sensation of movement and continuity through space as if their trajectories were beyond their physical structures, as they invent their own space and time; Additionally and uniquely, Rio máquina seems to vanish in thin air, as if the topography, or its structure of tin and steel cables, were constantly acting and shaping itself. In this sense, it is curious to perceive these two pieces as mirages too. Through this illusory effect, because they are seen and interpreted in a way that does not reproduce actual



detalhe/detail -- **ann nine** , 2015 -- alumínio/
aluminium -- 220 x 10 x 10 cm

reality, both guide our character through this image of the desert, another place well-suited, just like the immeasurable oceans and the rivers and their tributaries, to his ad eternum displacement.

Our wanderer, therefore, floats, walks, swims, flies over landscapes that are constantly being built within a space-time that does not allow certainties, because the precision, measurement and orientation tools are suspended. He lives off of thoughts. The lack of an itinerary clearly defined by a character that moves through a terrain of fictions confronts us, as spectators of this latest show by Artur Lescher, with what we could roughly define as the primary nature of the work of art: its state of impermanence or constitution of an enigma. I claim this because his works disarticulate certainties about what is visible and invent perceptual games that point to an interweaving of body, landscape and visibility of the world, to the extent that a character is created by third parties and (dis)orients itself throughout its waterfalls, mountains, and rivers.



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015

		album
vik	muniz	

texto/text

felipe scovino

tradutor/english version

gabriel blum

realização/produced by

galeria nara roesler

galeria nara roesler

rio de janeiro

rua redentor 241

ipanema 22421-030

abertura/opening

18.06.2015

19 > 22h

exposição/exhibition

19.06 > 01.08.2015

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h



(capa/cover) -- detalhe/detail --

sem título da série/untitled from the series #8 e/and #6, 2015 -- alumínio e papel/
aluminum and paper --

Ø 40,5 cm e/and Ø 18 cm

galeria	nara roesler
	<p>são paulo rio de janeiro info@nararoesler.com.br www.nararoesler.com.br</p>